

## Linguças<sup>1</sup>

**Leonardo Vianna**

*Vivir com miedo es como vivir a medias*

Hoje, quarta-feira 14 de agosto, nove e meia, me aconteceu um fato esquisito. Por desejos próprios e ainda pouco claros comprei uma grande quantidade de linguças. Evidentemente, o fato estranho não consiste em comprar linguças. Qualquer pessoa pode fazer isso, qualquer pessoa pode entrar em uma venda de uma rua qualquer esquecida por Deus e dizer: *Hey, pode me dar cinco quilos de linguças? Mas eu quero aquelas boas, hein, aquelas que se desmancham na boca feito mel*<sup>2</sup>. Qualquer pessoa pode formular um pensamento do gênero, tampouco é esquisito o fato que eu tenha comprado as linguças hoje, véspera de *Ferragosto*<sup>3</sup>. Roma já é capital de um país que se considera parte da rede global, uma cidade moderna, povoada de gente moderna, portanto, aberta, ou melhor dizendo, ESCANCARADA! Era natural que, pelas circunstâncias e em um cenário global, o feriado itálico da Assunção de Nossa Senhora, fosse considerado fora de moda, com as ruas vazias, os portões de garagem abaixados, o silêncio de um dia de verão. Hoje, encontrar as linguças não é uma tarefa titânica.

Então, vocês se perguntarão, o que tem de esquisito nisso? O que rompeu o equilíbrio da normalidade?

Naturalmente fui eu!

De fato, a estranheza não está no objeto comprado, mas no sujeito comprador de linguças: eu, eu mesma em pessoa. Eu, uma muçulmana sunita.

Não sei o que houve comigo, juro, não sei! Na verdade, não acordei bruscamente, nenhum solavanco, nada de dores de cabeça violentas, nenhuma pressão anormalmente

---

<sup>1</sup> “Salsicce” foi o conto com o qual Igiaba Scego, uma escritora ítalo-somali, debutou no cenário literário italiano ao vencer o prêmio Eks&Tra em 2003. Em 2005, o conto foi publicado em uma antologia intitulada *Pecore nere* [Ovelhas negras], ao lado de contos de outras autoras com background migratório.

<sup>2</sup> No original, o período está em língua romana: *Ahò me dai 5 chili de salsicce! Ehi, ma le vojo de quelle bbone, quelle che se sciojono en bocca come er miele*. Ao longo do texto original, a autora, que é romana, usou vários outros termos e expressões no chamado “dialeto romano” ou língua romana, quase todos marcados em itálico. Optei por traduzir tanto o italiano padrão quanto o romano para o registro padrão do português brasileiro, mas mantive os itálicos das expressões em língua romana, pois considerei ser relevante marcar, ao menos graficamente, o afeto em relação às línguas locais com as quais muitos italianos têm seu primeiro contato, muito antes até do italiano padrão.

<sup>3</sup> No original, o nome do feriado é mencionado duas vezes, escolhi não traduzir a primeira ocorrência, mas a segunda, poucas linhas em seguida, para reforçar a atmosfera de estranheza proposta pela narradora.

baixa, nada de nada! Era uma manhã como as outras, ou pelo menos eu acreditava que fosse. Alguns passarinhos cantavam (não me perguntem qual era, por favor, porque para mim são todos iguais), os vizinhos xingando, como de costume, os gases de descarga fumegavam e a bexiga estava dando sinais lancinantes de um perigoso esvaziamento iminente. Era uma manhã banal com a sua gente banal. Ninguém havia saído de férias, na era do euro isso é quase proibitivo.

Resumindo, tudo nos conformes! Não me lembro se ao acordar a minha expressão fosse feliz ou triste, mas tenho certeza de que a vontade de pecar era um dos últimos pensamentos, aliás, não estava sequer presente nos pensamentos supracitados. Então, por que aquelas malditas linguiças?

Fui comprá-las na Rosinha, aquela que tem uma mercearia dobrando a esquina. Rosinha é uma mulher grande e simpática, talvez tenha peitos demais e muito pesados, mas tem um sorriso encantador, juro, um sorriso que vale ouro. Sem contar que me dá alguns descontos no queijo, aquele *bom*, vocês entenderão que Rosinha é uma pessoa para se ter muito por perto. Bem, então, o que eu dizia? Ah, sim, fui comprar *essas* linguiças na Rosinha e menti para ela descaradamente. Eu odeio mentir! Rosinha claramente estranhou um pouco o meu pedido das linguiças, e ainda logo pela manhã. Então me olhou com seus olhinhos espertos, esboçando um daqueles sorrisos pelos quais é famosa na vizinhança, e depois disse com uma voz tão sedosa e adocicada que era possível mergulhar nela:

— Mas o que houve, querida, você se converteu? Para você não era pecado comer linguiças?

Congelei um pouco, deve ter sido provavelmente por causa da palavra “pecado”, eu acho. Lembrar a gravidade do meu ato não tornava o trabalho fácil, pelo contrário! Então, depois de ter congelado (mas não muito), menti dizendo-lhe:

— São para a vizinha, Rosinha, minha querida.

Rosinha preparou-me um belo pacote, nenhuma objeção, mas o desconto eu perdi quando nomeei a vizinha. Rosinha odeia a minha vizinha desde quando ela ousou criticar a disposição das decorações do Natal de 1999.

Sem desconto, eu e o meu belo pacote voltamos trotando para casa.

Agora me fechei na cozinha com o meu pacote cheio de linguiças impuras e não sei o que fazer! Caralho, por que eu comprei isso? E *agora* o que faço com elas? Uma

ideia seria cozinhá-las, mas o que aconteceria se minha mãe soubesse disso depois? Lembro-me que quando eu era pequena minha mãe havia comprado, por engano, uma conserva de vegetais com salsicha de porco dentro. O melhor era que minha mãe não sabia que havia o porco imundo dentro e a usou para temperar a salada de arroz. Resultado: alguém percebeu a salsicha disfarçada no meio e nós tivemos que vomitar o arroz até o último grão. Mas o pior fim foi reservado à frigideira na qual mamãe havia preparado a mistura suja. A frigideira, coitada, foi condenada à revelia, uma condenação à morte! O drama era que a pobre frigideira não podia apelar sequer para um tribunal superior, era pobre e *não possuía advogados que custassem bilhões* (pardon, *com milhões*, eu falo ainda pensando em velhas liras<sup>4</sup>).

Mas as pessoas preparam as linguças na frigideira? São fritas? Ou talvez sejam cozidas em água quente? E se eu usasse o forno? Mas então eu vou *comê-las* todas de verdade? E se, no melhor dos casos, me faltasse a coragem e eu as jogasse fora?

Olho o pacote imoral e me pergunto: mas vale a pena? Se eu comer essas linguças uma a uma as pessoas entenderão que sou italiana como elas? Idêntica a elas? Ou terá sido uma bravata inútil?

A minha ansiedade começou com o anúncio da lei Bossi-Fini: “Serão colhidas preventivamente as impressões digitais de todos os cidadãos de países que não pertencem à Comunidade Europeia<sup>5</sup> que desejem renovar o documento de permanência”. E em que categoria eu me encaixava? Seria uma extracomunitária, portanto, uma criminosa potencial de quem o Estado colheria as impressões digitais para se prevenir de um delito que, supunha-se, cedo ou tarde eu cometeria? Ou uma italiana respeitada e mimada a quem o Estado concedia o benefício da dúvida, mesmo que eu fosse uma condenada pluri-reincidente?

Itália ou Somália?

Dúvida.

Concedo ou não as impressões digitais?

---

<sup>4</sup> A lira foi a moeda italiana em circulação desde a unificação política do país em 1861 até 2002, ano em que foi substituída pelo euro. Como o conto foi escrito nesse contexto de uma recente adoção da nova moeda, há essa confusão da narradora para se referir a valores muito altos.

<sup>5</sup> No original: “A tutti gli extracomunitari che vorranno rinnovare il soggiorno saranno prese preventivamente le impronte digitali”. A escolha para a tradução de *extracomunitari* para “cidadãos de países que não pertencem à Comunidade Europeia” nesse primeiro aparecimento se deu porque, o termo italiano é usado novamente a seguir, sendo dessa vez traduzido como “extracomunitária”. Caso fizesse a opção por essa inversão, primeiro usando “extracomunitários” e em seguida a expressão mais longa, ficaria pouco natural para um texto fortemente marcado pela oralidade.

Dúvida atroz.

O meu lindo passaporte era bordô e reforçava, para todos os efeitos, a minha nacionalidade italiana. Mas aquele passaporte era verdadeiro? Eu era realmente uma italiana por dentro? Ou devia entrar na fila e dar as minhas impressões digitais como tantos outros?

Essa história das impressões digitais me parecia errada em tudo, um garrancho sem sentido de um menino furioso. Por que humilhar desse jeito as pessoas? E por que criar instabilidade em outras pessoas inseguras sobre a própria identidade? Aquelas malditas impressões digitais despertaram dentro de mim um demônio que havia adormecido há muito tempo. Eu esperava que aquele demônio não acordasse nunca. Mas então chegaram elas: as impressões digitais, aquelas malditas, desgraçadas impressões.

Aos oito anos toda criança é atormentada por uma infinidade de perguntas idiotas do tipo “você ama mais a mamãe ou o papai?”. Naturalmente a criança, que é um ser inteligente (coitada, se tornará idiota ao crescer), faz uma expressão confusa e não responde. Sabe que qualquer resposta que der será usada contra ela no tribunal familiar, e depois não quer provocar dor aos dois seres vivos que ama mais do que tudo e todos nesta terra. Então a criança se cala e finge não haver entendido. O mesmo acontecia comigo aos oito anos! A pergunta sem sentido que me faziam era: “você ama mais a Somália ou a Itália?”. Era apreciada também a variação sobre o tema: “você se sente mais italiana ou somali?”. Enfim, se é verdade que trocando a ordem dos fatores não altera o produto, a pergunta, de qualquer modo que fosse feita, continuava (e ainda continua sendo) descabida. Por sorte, quando se é criança pode-se adiar, fazer-se de tonto, o bobo da aldeia global, o manhoso, o superior. Quando se é criança, é sempre mais fácil encontrar uma saída, mas quanto mais se cresce, mais difícil é escapar. E esse empreendimento se torna impossível quando se está sentado no banco dos réus de um concurso público.

Os concursos são as máquinas de tortura modernas; se o candidato não possui um padrinho, o concurso se torna uma corrida reservada para poucos eleitos. Lembro-me de uma frase do grande, velho e bom Vittorio De Sica a um Alberto Sordi que acabara de ser contratado como guarda de trânsito, o qual lhe agradece pela “recomendação”. De Sica olha um pouco turvo para o grande conterrâneo Alberto e

depois com uma voz cortante o corrige: “se diz indicação”, dividindo bem todas as letras da expressão: I-N-D-I-C-A-Ç-Ã-O.

Eu e outros 299 desgraçados, dentre os quais uma boa parte indicada, havíamos passado por uma maratona extenuante. Sessenta perguntas de pré-seleção, uma prova escrita de oito horas e outra de quatro. Quando penso que éramos cinco mil para chegarmos em trezentos, nossa, quando penso nisso os meus joelhos tremem. Quando penso que apenas 38 terão a vaga, o ar começa a me faltar. E quando penso que trinta serão indicados por alguém me dá vontade de vomitar. No entanto, quando penso na minha prova oral começo a sentir vergonha, não sei se mais por mim e por quem me fez aquela pergunta.

Não me lembro de nada daquela prova. Lembro-me apenas de um grande rosto com manchas de espinhas que estava diante de mim. Lembro-me também dos cabelos pintados de louro recolhidos em um coque estilizado. E lembro-me daquela voz feminina rouca que não sei o motivo, mas me parecia o cruzamento entre as vozes de Giancarlo Giannini e Jean Gabin, não muito elogioso para uma mulher. Agora que penso nisso, a examinadora parecia uma travesti, mas sem aqueles peitos enormes que eu sempre invejei naquelas gentis senhoras. Não era uma pessoa desagradável e a prova estava indo bastante bem, eu estava jogando a partida de modo incrível. E depois o “bum”! Aquela pergunta desgraçada e odiosa sobre a minha identidade! Mais somali? Mais italiana? Talvez três quartos somali e um quarto italiana? Ou talvez seja o exato contrário? Não sei responder! Nunca me “fracionei” até aquele momento, e depois, na escola, eu sempre odiei as frações, eram antipáticas e inconclusivas (pelo menos para mim).

Eu menti, obviamente. Não gosto, mas fui obrigada a mentir. Olhei fixamente naqueles olhos de sapo que ela tinha e respondi-lhe: “sou italiana”. Depois, embora eu seja da cor da noite, fiquei vermelha como um pimentão. Teria me sentido uma idiota mesmo se eu respondesse que era somali. Não sou um cem por cento, nunca fui e não acho que conseguirei sê-lo agora.

Acho que sou uma mulher sem identidade.

Ou melhor, com mais identidades.

Imagino como serão lindas as minhas impressões digitais! Impressões anônimas, sem identidade, neutras como o plástico.

Vejamos. Sinto-me somali quando: 1) bebo o chá com cardamomo, cravo e canela; 2) recito as cinco orações diárias em direção a Meca; 3) uso o *dirah*<sup>6</sup>; 4) perfume a casa com o incenso ou o *unsi*<sup>7</sup>; 5) vou aos casamentos em que os homens se sentam de um lado para entediarse e as mulheres se sentam no outro canto para dançar, se divertir, comer... resumindo, para aproveitar a vida; 6) como a banana com o arroz, quero dizer, tudo no mesmo prato; 7) cozinhamos toda a carne com o arroz ou o *angelo*<sup>8</sup>; 8) recebo visita dos parentes que vêm do Canadá, dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da Holanda, da Suécia, da Alemanha, dos Emirados Árabes e de uma longa lista de países que, por motivo de espaço, não posso citar aqui, todos os parentes desenraizados<sup>9</sup>, como nós, da mãe pátria; 9) falo em somali e me insiro com tons agudíssimos em uma conversação agitada; 10) olho o meu nariz no espelho e me parece perfeito; 11) sofro por amor; 12) choro a minha terra devastada pela guerra civil; 13) faço outras cem coisas, mas quem se lembra de todas?

Sinto-me italiana quando: 1) tomo café da manhã e como algo doce; 2) vou visitar mostras, museus e monumentos; 3) falo de sexo, homens e sofrimentos com as amigas; 4) assisto os filmes de Alberto Sordi, Nino Manfredi, Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Monica Vitti, Totò, Anna Magnani, Giancarlo Giannini, Ugo Tognazzi, Roberto Benigni, Massimo Troisi; 5) tomo sorvete de flocos, pistache e coco sem chantilly de 1,80 euro; 6) lembro-me de cabeça de todas as palavras do poema *5 de maio*, de Alessandro Manzoni; 7) escuto pela rádio ou pela tv a voz de Gianni Morandi; 8) comovo-me quando olho nos olhos do homem que amo, escuto-o falar no seu alegre sotaque sulista e sei que não existirá um futuro para nós; 9) protesto feito uma doida pelos motivos mais aleatórios contra o primeiro-ministro, o prefeito, secretário ou presidente da vez; 10) gesticulo; 11) choro pelos *partisans*, esquecidos muito frequentemente; 12) cantarolo durante o banho *Un anno d'amore*, de Mina; 13) faço outras cem coisas, e quem se lembra de todas?

---

<sup>6</sup> Vestimenta somali para mulheres. [N.A.]

<sup>7</sup> Mistura de incenso e outros perfumes. [N.A.]

<sup>8</sup> Uma focaccia. [N.A.]

<sup>9</sup> O termo *sradicato*, aqui traduzido como desenraizado, é bastante usado por sujeitos imigrantes/filhos de imigrantes para se referir ao sentimento de perda de referências sofrido por seus pais/eles próprios. O desejo de retorno ao seu país/país dos pais ou simplesmente de um livre trânsito para se reconectar com suas origens familiares e culturais é uma constante. Tal qual a planta cujas raízes foram removidas da terra, o sujeito imigrante e/ou seus filhos têm sua identidade profundamente marcada por essa dificuldade de conexão com a terra dos seus antepassados (ou de parte deles).

Um grande problema a identidade, e se a abolíssemos? E as impressões digitais? Devemos aboli-las também! Eu me sinto tudo, mas as vezes não me sinto nada. Por exemplo, sou nada quando estou no ônibus e escuto a frase “esses estrangeiros são a ruína da Itália” e sinto os olhos das pessoas vidrados em cima de mim, esbugalhados. Ou quando uma mulher somali (normalmente uma parente distante) percebe que o meu xixi faz mais barulho do que o seu, graças a um jato mais forte. Saio do banheiro sem perceber que o meu xixi tenha sido espionado e percebo uma olhada feia pousar sobre o meu ombro esquerdo. Enfim, o comentário venenoso: “mas você é uma *nijas*<sup>10</sup>, tem ainda o *kintir*<sup>11</sup>. Nunca vai encontrar um marido”. É inútil explicar à ela que a infibulação não tem nada a ver com a religião e que é apenas uma violência contra as mulheres. Coitadas, com frequência são mulheres que teimam a levar adiante práticas violentas contra outras mulheres, não entendem minimamente que são instrumentos sexuais em uma sociedade de homens escravizadores.

Então devo agradecer à Itália pelo fato de eu ainda ter o clitóris? E a Somália? Não devo à gloriosa Terra de Punt, talvez, o que aprendi sobre respeitar o próximo e o ambiente ao meu redor?

O que eu sou?

Merda, já sei! Vou cozinhar essas malditas linguças!

Talvez alterem as minhas impressões digitais. Talvez, comendo uma linguça, eu passaria de impressões digitais neutras a verdadeiras impressões *made in Italy*, mas é isso que eu quero?

A água ferve, jogo as linguças dentro e vejo a sua cor mudar. Eram vermelhas e agora são de um rosa pálido, *minha nossa*, como fedem! Não sei se vou conseguir comê-las, já sinto me faltar a coragem.

Para o grande evento pego um prato de que eu gosto muito. Tem alguns floreios azuis na lateral e uma borboleta, sempre azul, no meio. Adoro esse prato porque é o último que sobrou de uma coleção que teve uma vida breve e atribulada. Escolhi-o também porque será difícil para mim jogá-lo fora. Quero um troféu perene do meu empreendimento, o prato azul será a minha *Rapsódia em azul*.

---

<sup>10</sup> Impura. [N.A.]

<sup>11</sup> Clitóris. [N.A.]

As linguças possuem um aspecto horrível, mas como as pessoas têm coragem de comer esse lixo? Além disso, não estou muito segura com relação a ter acertado o modo de preparo. Assalta-me uma dúvida atroz. E se eu não cozinhasse as linguças? Talvez sejam comidas cruas, como o caviar. Mas agora já as cozinhei e assim as comerei.

Sirvo-as no prato azul, sem olhá-las. A beleza do prato ressalta a feiura dessas linguças mal-cozidas. Sento-me, levanto-me para pegar um copo d'água e volto a me sentar. As pernas não param de balançar e o pulso não para de tremer. Espeto a menor linguça com o garfo e a aproximo do nariz. ECA, fede! Fecho os olhos e levo a imundície à boca. Começo a sentir um sabor ácido como vômito. Então é esse o gosto da linguça: vômito? E depois, algo molha o meu peito, então abro os olhos. Com surpresa, percebo que vomitei o café da manhã, uma xícara de cereais com leite frio e uma maçã. E a linguça? Onde está a linguça? Ainda está espetada inteira no garfo. Não tive tempo de colocá-la na boca, o vômito veio antes dela.

Isso é um sinal!

Não devo comer essa linguça.

Pela primeira vez a minha cabeça começa a elaborar pensamentos conscientes. “E se tudo fosse um erro?”, foi o resultado de segundos frenéticos de trabalho incessante. Claro, se eu comer essa pseudo-linguça coberta de placas de vômito cor amarelo canário, serei (talvez) italiana. Mas e a Somália? O que eu faço com a Somália, mando se foder?

E as minhas impressões digitais, o que faria com elas?

Preciso de uma pausa. Apoio o garfo e a pobre linguça espetada em um canto, respiro profundamente e estico as pernas. Puxo o jornal que está jogado tristemente sobre a mesa próximo ao vômito (não tive coragem de limpar, por um momento quero me isolar) e o folheio preguiçosamente. Nada de interessante, tudo igual, a mesma merda de sempre. Os terroristas ameaçam explodir meio mundo civilizado, o mundo civilizado não perde tempo e já explode tudo por eles, jovens que se matam no Brooklyn, um cara podre de rico que abre a barriga da namorada com uma lâmina e atira o fígado dela no jardim, partidos políticos que se enfrentam por não se sabe bem o quê, a atriz que transa com o novo astro do futebol em ascensão global-bilionário eternamente em crise. O mesmo menu repetido com uma cerejinha adocicada sobre o bolo: o mundo vai acabar daqui a cinquenta anos! Caramba! Isso sim que ocupa a nossa mente!

Continuo a ler e o que veem os meus olhos? Um parágrafo curtinho: “Comunidade afro-americana em revolta pelo espancamento que um negro menor de idade sofreu de policiais brancos”.

Estou cansada de ler notícias assim! Por que nos espancam sempre? E, depois, isso não me ajuda a esquecer as linguças! Especialmente não me ajuda a esquecer as impressões digitais da diversidade!

Sinto-me uma forte candidata ao espancamento. Eu seria a candidata perfeita, não apareceria ninguém para me defender. Um bode expiatório perfeito, a “preta”<sup>12</sup> perfeita para apanhar. É estranho que ninguém tenha pensado nisso. Sou negra e acho que ser negro seja uma má sorte enorme. Não há escapatória, você já está condenado a ser objeto de olhares de desconfiança – na melhor das hipóteses – ou de espancamentos, fogueiras, apedrejamentos, estupros, crucificações, homicídios – na pior das hipóteses.

E não tem como escapar tampouco se você nasce em um país onde todos são da mesma cor que a sua, nesse caso talvez seja ainda pior. Porque, antes de tudo, você corre o risco de morrer de tanto esforço depois de sofrimentos atrozes e depois tem noventa por cento de possibilidade de contrair AIDS e não pode nem sonhar com os remédios. Aliás, sonhar com eles é talvez o único modo de tê-los. Se por um acaso fortuito você escapar desses dois flagelos, bem, tenha certeza de que alguma guerra civil vai se abater sobre você. E se não está satisfeito nem mesmo nesse caso, pode sempre se consolar com algum flagelo natural que, seguramente, não deixará de atingir o país de todos os negros, onde você, um “preto” sem sorte, decidiu de ir para morar, casado das ofensas dos brancos.

Além disso, meu amigo, você deve saber que nós negros convivemos com a suspeita de que todos nos julgam pela nossa cor. Na verdade, é realmente assim, mas preferimos imaginar que não é assim! Acusam-nos de sermos desconfiados demais, de dizer que tudo é racismo pela bobeira mais insignificante, mas quer saber de uma coisa? O racismo, infelizmente, não é uma farsa. Nossa, como eu queria que fosse uma grande

---

<sup>12</sup> Em italiano, *negra*. O uso do termo *negro* é apresenta uma carga depreciativa, assim como em outras línguas, como o francês e o inglês. No caso do português brasileiro, “negro” e “preto” podem ter acepções diversas: segundo o IBGE, preto é usado como cor de pele e negro é o grupo étnico-racial formado pela somatória de pessoas que se autodefinem pretas ou pardas. Ambos os termos podem ser ofensivos a depender do contexto em que venham usados, contrariamente ao caso de “negro”, em italiano, que é muito mais marcado negativamente.

farsa global, uma farsa da internet, mas na verdade é que se você é negro, deve conviver com a desconfiança.

No entanto, frequentemente nós também somos polêmicos demais, acho que conviver com a dúvida fez com que nos tornemos sensíveis demais em alguns assuntos. Irritamo-nos por tudo, e se alguém tentar nos xingar, bem, então acusaremos o mundo de racismo, mesmo que o motivo pelo qual estávamos brigando fosse outro como, por exemplo, um enorme engavetamento, pelo qual fomos os únicos responsáveis!

Mas não somos os únicos polêmicos, têm também árabes, judeus, aborígenes australianos, nativos americanos, curdos e toda a Pangeia que se encontra para a reunião.

O que devo fazer então? Devo comer a linguça com o vômito para demonstrar que não tenho rabo preso? Para demonstrar que sou também uma irmã da Itália com todos os crismas e que tenho as digitais *made in Italy* e a Denominação de Origem Controlada?

Ligo a tevê. Quero esquecer as linguças. Ainda não decidi o que farei com elas. Não decidi ainda se as comerei. Não sei o que fazer, mas fui tentada pelo “pecado”. Valerá a pena?

Troco de canal várias vezes, quero esquecer aquele cheirinho que está corroendo minhas narinas. O meu vômito tem um cheiro nauseante, será por culpa dos cereais? A minha atenção é atraída pela cena de um filme que conheço bem: *Perdidos na África*, de Ettore Scola. É um ótimo filme e ensina muitas coisas sobre os italianos. A trama é emocionante: Alberto Sordi e o seu contador procuram em parte da África o cunhado de Sordi. No final, encontram-no depois de passar por aventuras de todo o tipo. O cunhado, um Manfredi com falsas tranças rastafári (muito famosas) se tornou um *santone*, uma espécie de *pae de santo*<sup>13</sup> de uma tribo primitiva. Manfredi, embora relutante, decide (por motivos particulares) abandonar a tribo e seguir para Roma com o burguês Sordi. E é justamente aquele momento do filme que eu vejo enquanto mudava de canal. Manfredi se comove quando sente o chamado violento da sua tribo:

— Titi, não nos deixe — eles gritam<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Em português brasileiro, “pai de santo”.

<sup>14</sup> No original, *Titi, nun ce lascià*.

E ele não resiste! Eu também me comovo quando vejo-o subir um degrauzinho e mergulhar na água para voltar a nado para aquelas pessoas a quem já considerava suas. Porém, me comovo mais ainda quando vejo a expressão de um Sordi transformada por um sentimento estranho, misto de amargura, estupor e inveja. O personagem de Sordi ensaia se jogar na água atrás do cunhado, mas o contador corretamente o segura, chamando-o para a realidade. Ele, Sordi, não tem escolha, não é livre como o cunhado, ele está condenado a ser para sempre um burguês que deve voltar para o recinto de sua vida alienante. Não tem escolha. Essa cena acaba comigo, começo a chorar. Assistindo aqueles dois homens percebo que eu ainda tenho uma escolha, ainda tenho a mim mesma. Ainda posso mergulhar no mar como Manfredi-Titi.

Observo as linguças e as joga na lata do lixo. Mas como pude pensar em comê-las? Por que quero me negar apenas para satisfazer uma senhora do rosto manchado de espinhas com a voz de travesti? Ou satisfazer os sádicos que introduziram a humilhação das impressões digitais? Eu seria mais italiana com uma linguça no estômago? E seria menos somali? Ou tudo ao contrário?

Não, eu seria a mesma pessoa, o mesmo mix. E se os outros se irritam com isso, de agora em diante pouco vou me importar.

O telefone toca. É a minha amiga Valentina.

— Hey — ela grita. — Hey, você leu a *Gazeta*?

— Não — respondo-lhe.

— Você foi aprovada!

Não compreendo, peço a ela para repetir uma segunda vez e depois uma terceira. Então, uma quarta vez. Por fim, uma quinta. Passei no concurso. E sem indicações, depois de tudo! E sem rabo preso! E sem impressões digitais!

Eu começo a gostar das frações. Olho em volta e pela primeira vez naquela manhã quente de agosto penso com angústia:

— Que sujeira!

Arregaço as mangas porque devo limpar o vômito da cozinha.

**Salsicce**

Igiaba Scego

Oggi, mercoledì 14 agosto, ore 9 e 30, mi è accaduto un fatto strambo. Per ragioni mie e ancora poco chiare ho comprato una grande quantità di salsicce. Il fatto strambo non consiste naturalmente nel comprare salsicce. Chiunque può farlo, chiunque può entrare in un qualsiasi negozio di una qualsiasi strada dimenticata da Dio e dire: *Ahò me dai 5 chili de salsicce! Ehi, ma le vojo de quelle bbone, quelle che se sciojo- no en bocca come er miele.* Chiunque può formulare un pensiero del genere. Non è strambo nemmeno il fatto che abbia comprato le salsicce oggi, vigilia di Ferragosto. Ormai Roma è la capitale di un paese che si considera parte della rete globale, una città moderna, popolata di gente moderna, quindi aperta, anzi, che dico, SPALANCATA! Era naturale che in uno scenario globale il Ferragosto italico per forza di cose risultasse démodé, con le strade vuote, le saracinesche abbassate, il silenzio di un giorno d'estate. Oggi trovare le salsicce non è un'impresa da titani.

Allora, vi chiederete, cos'è stato strambo? Cosa ha rotto l'equilibrio della normalità?

Naturalmente sono stata io!

La stranezza infatti non è nell'oggetto comprato, ma nel soggetto compratore di salsicce: io, me medesima, in persona. Io, una musulmana sunnita.

Non so cosa mi è preso, giuro non lo so! In realtà il mio risveglio non è stato brusco, niente scossoni, niente mal di testa violenti, niente pressione sanguigna dai valori bassi sub-normali, niente di niente! Era una mattina come le altre, o almeno lo credevo. Qualche uccelletto cinguettava (non mi chiedete qual era, per carità, perché per me sono tutti uguali), i vicini bestemmiavano come al solito, i gas di scarico fumavano e la vescica stava lanciando segnali lancinanti di pericoloso svuotamento in vista. Era la solita mattina con la solita gente. Nessuno era andato in vacanza, nell'era dell'euro è quasi proibitivo.

Insomma, la solita minestra! Non ricordo se al risveglio la mia espressione fosse felice o triste, ma sono sicura che la voglia di peccare era l'ultimo dei miei pensieri, anzi non era presente nei sopraccitati pensieri. Allora perché quelle maledet te salsicce?

Sono andata a comprarle da Rosetta, quella che ha la drogheria dietro l'angolo. Rosetta è una donna simpatica, forse ha troppe tette e troppo pesanti, ma ha un

sorriso che ti stende, giuro, un sorriso che vale oro. Se aggiungete che mi fa gli sconti sul formaggio, quello *bbono*, capirete da voi che Rosetta è una da tenersela stretta stretta. Bè, allora, che dice-vo? Ah sì, sono andata a comprare 'stè salsicce da Rosetta e le ho mentito spudoratamente. Io odio mentire! Rosetta naturalmente s'è un po' stranita alla mia richiesta di salsicce, di prima mattina poi. Allora mi ha guardato con i suoi occhietti furbi, abbozzando uno di quei sorrisi per cui è famosa nel circondario, e poi ha detto con una voce melliflua melliflua, così sapor melassa da poterci nuotare dentro: «Ma che cara, ti sei convertita? Non era peccato per te mangiare salsicce?». Mi sono un po' irrigidita, sarà stato sicuramente per via della parola «peccato», credo. Rammentare la gravità del mio atto non mi rendeva il compito facile, anzi! Quindi, dopo essermi irrigidita (ma non molto), le ho mentito dicendo: «Sono per la vicina, cara Rosetta».

Mi ha fatto un bel pacco la Rosetta, niente da obbiettare, ma lo sconto me lo sono giocato quando ho nominato la vi cina. Rosetta odia la mia vicina da quando ha osato criticare la disposizione delle decorazioni natalizie del 1999.

Senza sconti, io e il mio bel pacco siamo tornati trotterellando a casa.

Ora sto chiusa in cucina con il mio pacco pieno di salsicce impure e non so che fare! Perché cazzo le ho comprate? E *mo'* che ci faccio? Un'idea sarebbe cucinarle, ma chi la sente la mamma, dopo? Mi ricordo che quando ero piccola mamma aveva comprato per sbaglio dei sottaceti con il wurstel di suino dentro. Il bello era che la mia mamma non sapeva che ci fosse l'immondo maiale dentro e ci condì l'insalata di riso. Risultato: qualcuno si accorse del truffaldino wurstel e noi abbiamo dovuto vomitare il riso fino all'ultimo chicco. Ma la fine più brutta la fece la padella in cui mamma aveva amal gamato l'immondo composto. La padella, ahimè, fu condannata in contumacia, una condanna a morte! Il dramma era che la povera padella non poteva appellarsi nemmeno in cas sazione, era povera e *l'avvocati coi mijardi* (pardon, *coi mijoni*, io parlo ancora in vecchie lire) *nun li teneva*.

Ma si cucinano in padella le salsicce? Si friggono? O forse si lessano? E se usassi il forno? Ma poi me le *magno* davvero, tutte intere? O sul più bello mi manca il coraggio e le butto?

Guardo l'impudico pacco e mi chiedo: ma ne vale veramente la pena? Se mi ingoio queste salsicce una per una, la gente lo capirà che sono italiana come loro?

Identica a loro? O sarà stata una bravata inutile?

La mia ansia è cominciata con l'annuncio della legge Bossi-Fini: *A tutti gli extracomunitari che vorranno rinnovare il soggiorno saranno prese preventivamente le impronte digitali.* Ed io che ruolo avevo? Sarei stata un'extracomunitaria, quindi una potenziale criminale, a cui lo Stato avrebbe preso le impronte per prevenire un delitto che si supponeva prima o poi avrei commesso? O un'italiana riverita e coccolata a cui lo Stato lasciava il beneficio del dubbio, anche se risultava essere una pluripregiudicata recidiva?

Italia o Somalia?

Dubbio.

Impronte o non impronte?

Dubbio atroce.

Il mio bel passaporto era bordeaux e sottolineava a tutti gli effetti la mia nazionalità italiana. Ma quel passaporto era veritiero? Ero davvero un'italiana nell'intimo? O piuttosto dovevo fare la fila e dare come tanti le mie impronte?

Questa storia delle impronte mi sembrava tutto un errore, lo scarabocchio senza senso di un bambino infuriato. Perché umiliare così la gente? E perché creare scompensi in altra gente non sicura della propria identità? Quelle maledette impronte avevano svegliato in me un demone che si era assopito da tempo immemorabile. Avevo sperato che quel demone non si svegliasse mai. Ma poi sono arrivate loro: le impronte, quelle maledette, fottutissime impronte.

A otto anni ogni bambino è vessato da una caterva infinita di domande idiote, del tipo «ami più la mamma o più il papà?». Naturalmente il bambino, che è un essere intelligente (ahimè, diventerà idiota crescendo), fa una faccia stralunata e non risponde. Sa che ogni risposta che darà potrà essere usata contro di lui nel tribunale familiare, e poi non vuol dare un dolo re ai due esseri viventi che ama più di tutti e tutto su questa terra. Quindi il bambino si cuce le labbra e fa finta di non aver capito. Lo stesso capitava a me all'età di otto anni! La domanda troglodita che mi facevano era: «Ami più la Somalia o l'Italia?». Gettonata era anche la variazione sul tema: «Ti senti più italiana o più somala?». Insomma, se è vero che spostando l'ordine degli addendi il risultato non cambia, la domanda, in qualunque modo fosse posta, risultava (e ahimè risulta ancora) improponibile. Per fortuna da bambino puoi soprassedere, fare il finto

tonto, lo scemo del villaggio globale, il capriccioso, il superiore. Da bambino è sempre più facile trovare una via d'uscita, ma più si cresce più diventa difficile svicolare. E questa impresa diventa impossibile quando si è seduti al banco degli imputati di un concorso pubblico.

I concorsi sono le moderne macchine da tortura; se non si ha un santo in paradiso, diventa una corsa riservata a pochi eletti. Mi ricordo di una frase del grande, vecchio, buon De Sica a un Alberto Sordi vigile fresco di assunzione che lo ringrazia per la «raccomandazione». De Sica guarda un po' torvo l'Albertone nazionale e poi con una voce sferzante lo corregge: «si dice segnalazione», scandendo bene tutte le lettere della parola: S-E-G-N-A-L-A-Z-I-O-N-E.

Io e altri 299 disgraziati, tra cui una buona parte segnalati d'annata, avevamo superato un tour de force estenuante. Sessanta domande di preselezione, uno scritto di otto ore e un altro di quattro. Se penso che eravamo partiti in 5000, per finire in 300, ecco, se penso a questo mi tremano le ginocchia.

Se penso che solo 38 avranno il posto, comincia a mancarmi il respiro. E se penso che 30 saranno segnalati mi viene da vomitare. Invece se penso al mio orale comincio a provare vergogna, non so se più per me o per chi mi ha fatto quella domanda..

Non ricordo nulla di quell'esame. Mi ricordo solo di un'e-norme faccia butterata che mi stava davanti. Mi ricordo anche dei capelli tinti oro raccolti in una crocchia stile impero. E mi ricordo di quella voce femminile roca, che non so perché mi faceva venire in mente un incrocio tra Giancarlo Giannini e Jean Gabin, non molto lusinghiero per una donna. Ora che ci penso, l'esaminatrice sembrava un travestito, ma senza quelle poppe stratosferiche che ho sempre invidiato a quelle gentili signore. Non era una persona sgradevole e l'esame stava andando piuttosto bene, mi stavo giocando la partita in modo onorevole. E poi il patatrà! Quella domanda odiosa sulla mia identità del cazzo! Più somala? Più italiana? Forse 3/4 somala e 1/4 italiana? O forse è vero tutto il contrario? Non so rispondere! Non mi sono mai «frazionata» prima d'ora, e poi a scuola ho sempre odiato le frazioni, erano antipatiche e inconcludenti (almeno per la sottoscritta).

Naturalmente ho mentito. Non mi piace, ma ci sono stata costretta. L'ho guardata fissa in quegli occhi da rospo che si ritrovava e le ho detto «italiana». Poi, anche se sono del colore della notte, sono arrossita come un peperone. Mi sarei sentita un'idiota

anche se avessi detto somala. Non sono un cento per cento, non lo sono mai stata e non credo che riuscirò a diventarlo ora.

Credo di essere una donna senza identità.

O meglio con più identità.

Chissà come saranno belle le mie impronte digitali! Im- pronte anonime, senza identità, neutre come la plastica.

Vediamo un po'. Mi sento somala quando: 1) bevo il tè con il cardamomo, i chiodi di garofano e la cannella; 2) recito le 5 preghiere quotidiane verso la Mecca; 3) mi metto il *dirah*<sup>15</sup>;

4) profumo la casa con l'incenso o l'*unsi*<sup>16</sup>; 5) vado ai matri- moni in cui gli uomini si siedono da una parte ad annoiarsi e le donne dall'altra a ballare, divertirsi, mangiare... insomma a godersi la vita; 6) mangio la banana insieme al riso, nello stes so piatto, intendo; 7) cuciniamo tutta quella carne con il riso o l'*angeelo*<sup>17</sup>; 8) ci vengono a trovare i parenti dal Canada, da- gli Stati Uniti, dalla Gran Bretagna, dall'Olanda, dalla Svezia, dalla Germania, dagli Emirati Arabi e da una lunga lista di stati che per motivi di spazio non posso citare in questa sede, tutti parenti sradicati come noi dalla madrepatria; 9) parlo in somalo e mi inserisco con toni acutissimi in una conversazione concitata; 10) guardo il mio naso allo specchio e lo trovo perfetto; 11) soffro per amore; 12) piango la mia terra straziata dalla guerra civile; 13) faccio altre 100 cose, e chi se le ricorda tutte!

Mi sento italiana quando: 1) faccio una colazione dolce; 2) vado a visitare mostre, musei e monumenti; 3) parlo di sesso, uomini e depressioni con le amiche; 4) vedo i film di Alberto Sordi, Nino Manfredi, Vittorio Gassman, Marcello Mastroianni, Monica Vitti, Totò, Anna Magnani, Giancarlo Giannini, Ugo Tognazzi, Roberto Benigni, Massimo Troisi; 5) mangio un gelato da 1,80 euro con stracciatella, pistacchio e cocco senza panna; 6) mi ricordo a memoria tutte le parole del *5 maggio* di Alessandro Manzoni; 7) sento per radio o tv la voce di Gianni Morandi; 8) mi commuovo quando guardo negli occhi l'uomo che amo, lo sento parlare nel suo allegro accento meridionale e so che non ci sarà un futuro per noi; 9) inveisco come una iena per i motivi più disparati contro primo ministro, sindaco, assessore, presidente di turno; 10) gesticolo; 11) piango per i partigiani, troppo spesso dimenticati; 12) canticchio *Un anno d'amore* di Mina sotto la

---

<sup>15</sup> Abito femminile somalo.

<sup>16</sup> Miscela di incenso e altri profumi

<sup>17</sup> Focaccia.

doccia;13) faccio altre 100 cose, e chi se le ricorda tutte!

Un bel problema l'identità, e se l'abolissimo? E le impronte? Da abolire anche quelle! Io mi sento tutto, ma a volte non mi sento niente. Per esempio sono niente sull'autobus quando sento la frase «questi stranieri sono la rovina dell'Italia» e mi sento gli occhi della gente appiccicati addosso tipo big bubble. Oppure quando una donna somala (di solito qualche parente lontana) nota che la mia pipì fa più rumore della sua grazie ad un getto più potente. Esco dal bagno ignara del fatto che la mia pipì sia stata spiata e noto uno sguardo cattivo posato sulla mia spalla sinistra. Infine il commento velenoso «ma tu sei una *nijas*<sup>18</sup>, c'hai ancora il *kintir*<sup>19</sup>. Non troverai mai marito». Inutile spiegare alla signora che l'infibulazione non ha niente a che fare con la religione e che è solo una violenza sulle donne. Ahimè, spesso sono proprio donne ottuse a portare avanti pratiche violente sulle altre donne, non capiscono minimamente che sono strumenti sessuali in una società di uomini negrieri.

Allora devo ringraziare l'Italia per il fatto di avere ancora il clitoride? E la Somalia? Non devo forse il mio rispetto per il prossimo e per l'ambiente che mi circonda alla gloriosa terra di Punt<sup>20</sup>?

Cosa sono io?

Cazzo, ho deciso! Le lessò queste fottutissime salsicce!

Chissà se influiranno sulle impronte. Forse mangiando una salsiccia passerei da impronte neutre a vere impronte di gitali made in Italy, ma è questo che voglio?

L'acqua bolle, le butto dentro e guardo il loro colore cambiare. Erano rosse e ora sono di un rosa pallido, *ammazza* però quanto puzzano! Non so se riuscirò a ingoiarle, già mi manca il coraggio.

Per il grande evento prendo un piatto che mi piace molto. Ha dei ghirigori blu al lato e una farfalla sempre blu al centro. Adoro questo piatto, perché è l'ultimo rimastomi di una collezione che ha avuto vita breve e tribolata. L'ho scelto anche perché mi sarà più difficile gettarlo via. Voglio un trofeo perenne della mia impresa, il piatto in blu sarà la mia *Rapsodia in blu*.

Le salsicce hanno un aspetto terribile, ma come cazzo fanno a mangiare questa robbaccia? Inoltre non sono tanto sicura di aver azzecato la preparazione. Mi sta

---

<sup>18</sup> Impura.

<sup>19</sup> Clitoride.

<sup>20</sup> Così gli abitanti dell'antico Egitto chiamavano la Somalia.

venendo un dubbio atroce. E se non si cucinassero? Forse vengono mangiate crude, come il caviale. Ma ormai le ho lessate e così le ingoierò.

Le metto, senza guardarle, nel piatto blu. La bellezza del piatto ha messo in luce la bruttezza di queste salsicce lessate male. Mi siedo, mi rialzo per prendere un bicchiere d'acqua, mi risiedo. Le gambe non smettono di ciondolare e il polso di tremare. Infilzo con la forchetta la salsiccia più piccola, l'avvicino al naso. AGHHHH, puzza! Chiudo gli occhi e avvicino l'immondità alla bocca. Comincio a sentire un sapore acido come vomito. Allora è questo il gusto della salsiccia, vomito? Poi qualcosa mi bagna il petto ed è allora che apro gli occhi. Con stupore noto di aver vomitato la colazione della mattina, una tazza di cereali con latte freddo e una mela. E la salsiccia? Dov'è la salsiccia? È ancora infilzata tutta intera sulla forchetta. Non ho fatto in tempo a metterla in bocca, il vomito l'ha preceduta.

Questo è un segno!

Non devo mangiare questa salsiccia.

Per la prima volta la mia testa comincia ad elaborare pensieri coscienti. «E se fosse tutto un errore?», è stato il risultato di secondi frenetici di lavoro incessante. Certo se mangio questa pseudo-salsiccia coperta da squame di vomito color canarino sarò (forse) italiana. Ma la Somalia? Che ci faccio con la Somalia, me la fotto?

E le mie impronte, cosa farei con le mie impronte?

Ho bisogno di una pausa. Appoggio la forchetta e il povero resto infilzato in un angolo, respiro profondamente e stiracchio le gambe. Abbranco il giornale che è buttato tristemente sul tavolo vicino al vomito (non ho avuto il coraggio di pulire, per un attimo voglio isolarmi) e lo sfoglio pigramente. Niente d'interessante, le solite quattro frescacce di sempre, la solita merda di sempre. I terroristi minacciano di far saltare mezzo mondo civile, il mondo civile non perde tempo e già lo fa, ragazzini che si ammazzano a Brooklyn, un tizio ricco sfondato che sventra la fidanzata e butta il fegato di lei in giardino, partiti politici che si fronteggiano per non si sa bene cosa, la soubrette di turno che si tromba il nuovo astro nascente del calcio globale-miliardario perennemente in crisi. Il solito menu ritrito con la ciliegina gusto melassa in cima alla torta: il mondo finirà tra cinquant'anni! Cavolo! Questo sì che dà da pensare!

Continuo a leggere e che vedono i miei occhi? Un trafilto: «Comunità afroamericana in rivolta per il pestaggio da parte di poliziotti bianchi di un minorenne

nero».

Sono stufo di leggere notizie così! Perché cavolo ci pesta- no sempre? E poi questo non mi aiuta a dimenticare le salsicce! Soprattutto non mi aiuta a dimenticare le impronte della diversità!

Mi sento una papabile al pestaggio. Sarei perfetta, nessuno alle spalle per difendermi. Un capro perfetto, la perfetta «negra» da picchiare. Strano che nessuno ci abbia pensato. Sono nera e penso che essere neri sia una sfiga assoluta. Non c'è scampo, sei già condannato ad essere oggetto di occhiate di traverso – nella migliore delle ipotesi – o di pestaggi, roghi, lapidazioni, stupri, crocifissioni, omicidi – nella peggiore.

E non c'è scampo nemmeno se nasci in un paese dove so- no tutti dello stesso tuo colore, in quel caso forse è ancora peggio. Perché prima di tutto rischi di morire di stenti dopo atroci sofferenze e poi hai il novanta per cento di possibilità di contrarre l'Aids e i farmaci naturalmente te li puoi anche sognare. Anzi, sognarseli è forse l'unico modo di averli. Se per un caso fortuito scampi a questi due flagelli, bè stai sicuro che qualche guerra civile ti piomberà presto tra capo e collo. E se non sei soddisfatto nemmeno in questo caso, puoi sempre consolarti con qualche flagello naturale che sicuramente non mancherà di colpire il paese di tutti neri, dove tu «negro» sfigato hai deciso di andare ad abitare, stanco degli insulti dei bianchi.

Inoltre, amico, devi sapere che noi neri conviviamo con il sospetto che tutti ci giudichino dal nostro colore. In realtà è proprio così, ma ci illudiamo che non sia così! Ci accusano di avere la coda di paglia, di invocare il razzismo alla minima sciocchezza, ma vuoi sapere una cosa? Il razzismo ahimè non è una burla. Cazzo, vorrei che fosse una megaburla globale, una farsa da internet, ma la realtà è che se sei nero devi convivere con il sospetto.

Però spesso anche noi siamo troppo polemici, credo che convivere con il dubbio ci abbia fatto diventare troppo sensibili su alcuni punti. Ci incazziamo per tutto, e se provi ad insultarci bè allora accusiamo il mondo di razzismo anche se stavamo litigando per tutt'altro, come per esempio un megatamponamento di cui noi eravamo gli unici responsabili!

Ma non siamo gli unici polemici, ci sono anche: arabi, ebrei, aborigeni australiani, nativi americani, curdi e tutta la pangea riunita in sessione.

Allora che devo fare? Devo mangiarmi la salsiccia con il vomito per dimostrare di non avere la coda di paglia? Per dimostrare che sono anch'io una sorella d'Italia con tutti i crismi? Di avere impronte made in Italy a denominazione di origine controllata?

Accendo la tele. Voglio dimenticarmi le salsicce. Non ho ancora deciso cosa ne farò. Non ho ancora deciso se le mangerò. Non so cosa fare, ma sono tentata dal «peccato». Ne varrà la pena?

Faccio un po' di zapping, voglio dimenticarmi quell'odorino che mi sta corrompendo le narici. Il mio vomito ha un odore nauseante, sarà forse colpa dei cereali? La mia attenzione è calamitata dalla scena di un film che conosco bene: *Riusciranno i nostri eroi a ritrovare l'amico misteriosamente scomparso in Africa?* di Ettore Scola. È un bel film e insegna molte cose sugli italiani. La trama è avvincente: Alberto Sordi e il suo ragioniere si mettono alla ricerca del cognato del Sordi per mezza Africa. Alla fine lo ritrovano dopo essere passati per avventure di tutti i tipi. Il cognato, un Manfredi con treccioline finte rasta (molto trendy) è diventato un santone, una sorta di *pae de santo*<sup>21</sup> di una tribù primitiva. Manfredi, anche se riluttante, decide (per motivi suoi) di abbandonare la sua tribù e seguire il borghese Sordi a Roma. Ed è in quel momento del film che arrivo io con il mio zapping. Manfredi si commuove quando sente il richiamo violento della sua tribù: «Titì nun ce lascià», gridano; e lui non resiste! Mi commuovo anch'io quando lo vedo salire sul predellino della nave e tuffarsi per tornare a nuoto da quella che è ormai la sua gente. Ma mi commuovo ancora di più quando vedo la faccia di un Sordi disfatto da un sentimento strano condito di amarezza, stupore e invidia. Accenna a gettarsi dietro al cognato, ma il ragioniere giustamente lo ferma, lo richiama nei ranghi. Lui, Sordi, non ha scelta, non è libero come il cognato, lui è condannato ad essere sempre un borghese che deve ritornare nel recinto di una vita alienante. Non ha scelta. Questa scena mi distrugge, mi metto a piangere. Guardando quei due uomini mi rendo conto che io ho ancora una scelta, ho ancora me stessa. Posso ancora tuffarmi in mare come Manfredi-Titi.

Guardo le salsicce e le getto nell'immondezzaio. Ma come ho potuto solo pensare di mangiarle? Perché voglio negare me stessa, solo per far contenta una signora butterata con la voce da travestito? O far contenti i sadici che hanno introdotto

---

<sup>21</sup> Santone della macumba.

l'umiliazione delle impronte? Sarei più italiana con una salsiccia nello stomaco? E sarei meno somala? O tutto il contrario?

No, sarei la stessa, lo stesso mix. E se questo dà fastidio, d'ora in poi me ne fotterò!

Il telefono squilla. È la mia amica Valentina. «Ehi», mi grida. «Ehi, hai visto la 'Gazzetta'?». «No», le rispondo. «Sei passata!». Non capisco, me lo faccio ripetere una seconda e poi una terza volta. Poi una quarta. Infine una quinta. Ho superato il concorso. E senza segnalazioni, dopotutto! E senza code di paglia! E senza impronte digitali!

Le frazioni incominciano a piacermi. Mi guardo intorno per la prima volta in questa calda mattinata d'agosto e penso con angoscia «che lordura!».

Mi rimbocco le maniche, devo pulire la cucina dal vomito.

## Referências

SCEGO, Igiaba. "Salsicce". *In*: SCEGO, Igiaba; KURUVILLA, Gabriella; WADIA, LAILA & MUBIAYI, Ingy. **Pecore nere**: racconti. A cura di Flavia Capitani e Emanuele Coen. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli, 2005.

**Data de submissão: 03/07/2024**

**Data de aceite: 04/07/2024**